

"Com a eleição do novo Presidente dos Estados Unidos Barack Obama, surge um novo mito de reformação do Império: o mito do Multilateralismo, um novo esquema de relacionamento e de liderança do sistema-mundo mais participado, mais justo e mais democrático. A UDP considera que a tese do multilateralismo não passa de um mito, pois o Império Global não poderia sofrer tal reconfiguração sem que antes se verificassem enormes transformações na organização da economia global, na organização social e na divisão internacional do trabalho".

A Direção Nacional da UDP, reunida a 14 de Janeiro, aprovou um documento de análise às evidências que confirmam a tese do imperialismo global, à Europa em crise e à situação política em Portugal.

## G2 - G8 - G20 "O PODER USURPADO"

1. O imperialismo global é o resultado da transnacionalização dos capitais e dos monopólios, numa era que já não é marcada pela dominação de burguesias nacionais em permanente disputa pelo poder do Estado sobre os monopólios. No Imperialismo Global, a globalização emergiu como o principal factor de reconfiguração do Império,

unindo as potências contra todos os povos do mundo e não negava a existência de rivalidades e contradições entre os principais agentes do Imperialismo, mas previa a conjugação de interesses em torno do capital apátrida que justificaria a continuação da Guerra do Império contra os povos. O mercado livre e a livre circulação de capitais são o Alfa e o Ómega da ideologia neoliberal e do Império global.

2. A UDP sempre recusou a tese de todos os que vislumbraram na ascensão dos BRIC uma formação de potências emergentes que, em oposição ao Império, estaria disposta a alterar a matriz de desigualdade inerente às relações entre oprimidos e opressores imposta pelo Imperialismo Global. A formação do G20 e a afirmação do seu papel na gestão do Imperialismo derrubou a tese da existência de uma alternativa nos países emergentes.

3. Aí em 2009, com a eleição do novo Presidente dos Estados Unidos Barack Obama, surge um novo mito de reformação do Império: o mito do Multilateralismo, um novo esquema de relacionamento e de liderança do sistema-mundo mais participado, mais justo e mais democrático. A UDP considera que a tese do multilateralismo não passa de um mito, pois o Império Global não poderia sofrer tal reconfiguração sem que antes se verificassem enormes transformações na organização da economia global, na organização social e na divisão internacional do trabalho.

4. Aí a Cimeira de Copenhaga veio derrubar de uma só vez os dois mitos de reconfiguração do Império, demonstrando que os EUA permanecem na liderança da ofensiva contra os povos. Apesar disso, e porque o Imperialismo Global não compatível com a conjugação de interesses entre potências, esta Cimeira foi também testemunha da ascensão do poder da China enquanto potência hegemônica. Esta Cimeira representa uma derrota para o G20 e para a Europa, arredados do grande poder de decisão. Surge assim o G2, uma nova coalizante de superpotências no centro do Imperialismo, pejada de rivalidades e contradições, mas economicamente e financeiramente dependente.

5. Ligados pela avidez do capital transnacional, os dois países tornam-se assim parceiros nas grandes decisões que afectam o mundo, e não para eles que o Império se vira em busca de respostas para a crise global que se abateu sobre as economias. O centro do Império desloca-se para o Pacífico, minando ainda mais o papel da União Europeia no sistema-mundo.

6. Embora em discreta competição, as duas potências não estão envolvidas num jogo de soma zero (por enquanto). Podemos até concordar que a China se afirma na proporção do declínio dos EUA, mas sabemos também que a posição hegemônica dos Estados Unidos está assente na sua capacidade militar, no seu "soft power" e na manutenção do dólar como moeda de reserva nacional e na sua valorização.

7. Sentados em cima de 739,6 bilhões de dólares de títulos do tesouro americano, da China depende agora muito do que vai determinar o peso do dólar num futuro próximo, e os EUA sabem disso. Paul Krugman, Nobel da Economia, considera que nos próximos dois anos o mercantilismo chinês pode acabar por suprimir 1,4 milhões de postos de trabalho nos EUA. Não deixa de ser uma espécie de guerra fria financeira e social em que cada um tem capacidade de atacar o outro, numa ofensiva em que ambos, assim como a economia mundial e o centro do capitalismo, ficariam a perder. Os dois monstros estão por enquanto inter-dependentes, mas a China não vê interesse em estar sentada em cima de uma bomba-relâmpago e tem vindo a desinvestir na dívida americana e a diversificar os seus investimentos.

8. Em posição de maior credora mundial (sendo os EUA os maiores devedores mundiais), foi a China quem estendeu a mão a países como a Rússia, o Brasil, a Venezuela ou Angola, (num total de \$135 milhões de ajudas financeiras) quando a crise impôs as dificuldades de liquidez e de acesso ao crédito internacional. Quando a crise estala, as potências unem-se para minimizar as perdas da Finança Global, e a China chega mesmo a investir para salvar a norte-americana Morgan Stanley. Foi, aliás, durante este período que a potência oriental somou pontos do chamado "soft power" e granjeou o reconhecimento de potenciais aliados.

9.Â Â O alinhamento no centro do ImpÃ©rio Ã© claro, e desmascara a cegueira do capital que sem pudor uniu o baluarte da economia de mercado Ã s Ãºltimas consequÃªncias do capitalismo e Estado. Mas o resultado nÃ£o Ã© matemÃ¡tico. NÃ£o Ã© segredo que a China se constrÃ³i em cima de um abismo social profundo, embora nÃ£o se espere que as eleiÃ§Ãµes de 2012/2013 tragam alteraÃ§Ãµes profundas. Por seu lado, o declÃ¢nio dos EUA Ã© inegÃ¡vel, mas Obama jÃ¡ se apressou a esclarecer o que Ã© uma "guerra justa" e a lanÃ§ar uma discreta ofensiva no IÃ©men, ao mesmo tempo que aprofunda a intervenÃ§Ã£o no AfeganistÃ£o e no PaquistÃ£o e permite as continuadas chacinas de Israel ao povo Palestiniano.

10.Â Â A crise provou que o ImpÃ©rio tem capacidade de se readjustar de acordo com as necessidades do capital sem alterar aquilo que o define: a Guerra contra os povos do mundo. As potÃªncias imperialistas unem-se assim para salvar a finanÃ§a e a banca internacional, para manter a desregulamentaÃ§Ã£o da economia e a livre circulaÃ§Ã£o de capitais, mas os povos continuam a braÃ§os com o aumento do desemprego (entre 219 e 241 milhÃµes no final de 2009, mais 39 a 61 milhÃµes comparativamente a 2007), da exploraÃ§Ã£o e da proletarizaÃ§Ã£o gerais, como provam os Ãºltimos nÃºmeros da pobreza no mundo: 1,4 mil milhÃµes de pessoas, a que se acrescenta mais 89 milhÃµes de pessoas que poderÃ£o estar na pobrezaÂ no final da actual crise.

## A EUROPA EM CRISE

11.Â Â Com o deslocamento do centro da hegemonia mundial para o Pacifico, a GeopolÃtica dita que a UniÃ£o Europeia venha a aprofundar as suas debilidades e o seu entorpecimento polÃ-tico e econÃ³mico.

12.Â Â ConsequÃªncia do efeito borboleta, a crise fez-se sentir com toda a sua potÃªncia na Europa (a semi-periferia sofre com o desaire do centro). Incapazes de encontrar uma soluÃ§Ã£o comum para os seus problemas e tendo como Ãºnico ideÃ³logo o BCE e a sua obsessÃ£o pela estabilidade de preÃ§os e o cumprimento do pacto de estabilidade, os paÃ±ses europeus embatem na fragilidade das suas economias e na crise social que devasta as suas populaÃ§Ãµes, com a subida do desemprego, da precariedade e da pobreza.

13.Â Â â€œAs crises sÃ£o inerentes ao capitalismo, representando momentos de destruiÃ§Ã£o de capacidade produtiva, concentraÃ§Ã£o de propriedade e capital e apuramento da classe burguesa. No entanto, apenas numa crise prÃ³pria da globalizaÃ§Ã£o Ã© que a crise financeira nos EUA poderia sacudir e varrer toda a Economia Mundial, tal e qual efeito borboletaâ€•. Nessa altura, todos se perguntavam: terÃ¡ o capitalismo capacidade de resistir? E como o farÃ¡?

14.Â Â A UDP considerou que: â€œem momentos de crise, os privados recorrem ao Estado e atÃ© pedem a intervenÃ§Ã£o seu braÃ§o na economia por uma razÃ£o muito simples: os privados nÃ£o tÃ£o formas de regular o mercado.â€•, a resposta veio logo de seguida â€œa finanÃ§a global terÃ¡ como Ãºnica frente de resistÃªncia a delapidaÃ§Ã£o do Estadoâ€•. Assim aconteceu.

15.Â Â AtravÃ©s de uma gigante operaÃ§Ã£o de financiamento do capitalismo, os Estados correram a injectar grandes quantidades de dinheiro na banca e nos investidores falidos, nacionalizando os prejuÃ±os dos bancos e pagando a factura com capital pÃ³blico. Os povos pagaram a crise e atenuaram o seu impacto na grande finanÃ§a global, permitindo fusÃµes e a concentraÃ§Ã£o de capital Ã s custas dos dinheiros pÃ³blicos.

16.Â Â Este sÃºbito apelo ao Estado alterou momentaneamente o discurso das elites liberais, que depressa vieram exaltar o papel do Estado e culpar a irresponsabilidade de certos gestores do neoliberalismo pelo desastre mundial. Surgiram entÃ£o os discursos inflamados dos IÃ±-deres europeus a favor da regulaÃ§Ã£o dos offshores, da limitaÃ§Ã£o dos mercados de derivados e da diminuiÃ§Ã£o dos bÃ³nus escandalosos dos administradores.

17.Â Â Passado um ano do estalar da crise, depressa a intervenÃ§Ã£o do Estado se tornou num breve parÃ¡nteses na histÃ³ria do neoliberalismo. JÃ¡ em Setembro, a Cimeira do G20 em Pittsburg empurra para debaixo do tapete todas as promessas de regulaÃ§Ã£o dos mercados de capitais para â€œenÃ£o prejudicar a retoma das economiasâ€•. A pouco e pouco tambÃ©m os paÃ±ses europeus largaram a sua retÃ³rica, provando que as medidas prometidas nÃ£o passaram de cosmÃ©tica. Ficou tudo na mesma.

18.Â Â Com a banca em recuperÃ§Ã£o visÃ¡vel dos seus lucros, apenas os Estados saÃ³-ram verdadeiramente prejudicados desta crise. Ao utilizar os recursos pÃ³blicos para salvar a finanÃ§a, endividaram-se e viram crescer os seus dÃ©fices, deixando as suas populaÃ§Ãµes Ã  mercÃ³ do desemprego e da precariedade. Depois da bancarrota da IslÃ¢ndia e das dificuldades no Dubai, os dÃ©fices dos paÃ±ses mais pobres da Europa valeram-lhes uma avaliaÃ§Ã£o negativa pelas agÃªncias de notaÃ§Ã£o financeira, o que terÃ¡ como consequÃªncia maiores dificuldades na obtenÃ§Ã£o de crÃ©dito e um

aumento das taxas de juro. O caso da Grã-Côrnia é paradigmático, onde o risco de insolvabilidade já levou ao congelamento de salários.

19. Apesar disto, o FMI veio reafirmar a sua receita e aconselhar mais injecções de capitais públicos em instituições financeiras. Na mesma linha, o BCE também já alertou para a necessidade de uma redução dos défices na zona euro até 2011. O que acontecerá?

20. Sem capacidade para combater a crise social que se abateu sobre a Europa, e com a redução do défice em vista, os países europeus regressaram ao programa das privatizações e a paralisação do investimento público e dos apoios sociais. Como consequência, o desemprego em 2009 atingiu mais 5 mil de trabalhadores, situando-se nos 22,5 milhões, 80 milhões de pobres, dos quais 30 milhões são trabalhadores com salários baixos e 19 milhões de crianças. Com uma provável imposição do cumprimento do PEC agravar-se-á a vertente social desta crise e as condições de vida dos povos da Europa.

21. Com uma posição internacional cada vez mais debilitada e a brâncos com tal crise económica e social, a Europa política submete-se, aprova o Tratado de Lisboa " cuja aprovação representa uma vitória da burguesia - e "elege" mais dois líderes fantoche, Catherine Ashton e Herman Van Rompuy que, como Durão Barroso, não serão mais do que peões no tabuleiro da alta burguesia europeia, dedicada ao modelo privatizador e a destruição do Estado Social na Europa.

## PORUGAL: A CHANTAGEM DA GOVERNABILIDADE

22. Tal como na Europa, também em Portugal o governo estendeu a mão à finanças e aos bancos. Em 2009 ficaram conhecidos os casos do BCP, do BPN e do BPP a quem, devido a gestão danosa ou a própria crise financeira, o Estado concedeu empréstimos e assumiu os prejuízos. Desta forma, recursos de todos os portugueses foram utilizados para sustentar instituições que durante anos foram responsáveis por fugas de capitais para offshores. Entre Janeiro e Outubro de 2009 saíram de Portugal mais de 11,2 mil milhões de euros, aumentando as aplicações lá-queidas em 2,33 mil milhões de euros, ou seja, mais 12 vezes do que no ano anterior. Ao mesmo tempo, continuou a atribuição de bônus milionários aos seus gestores.

23. Apesar destes casos, e de toda a retórica nas primeiras páginas dos jornais, os dois partidos do centro recusaram-se tomar medidas sobre o Offshore da Madeira, sobre a regulação e taxação do mercado de capitais, sobre o sigilo bancário ou mesmo sobre o enriquecimento ilícito. O governo do PS, com a conivência do PSD e do CDS, contribui assim para perpetuar a obscuridade que envolve o mercado de capitais e as operações financeiras, e, tal como todos os outros, optou por não agir a montante, sobre as causas da crise.â

24. Em vez disso, o PS (já sem maioria absoluta) preferiu jogar à sua esquerda a carta da chantagem. Recusando-se a fazer acordos sobre políticas ou medidas específicas, Sócrates culpa o Bloco de Esquerda pela "incompetência" do país.

25. Esta chantagem anti-democrática pretende impedir o Parlamento de cumprir o seu papel constitucional, culpando a oposição por ser oposição. Preferia o PS que o Bloco de Esquerda abandonasse o seu programa em favor da suposta "governabilidade". Entenda-se aqui por "Governabilidade" a submissão à NATO e à política da Guerra com as medidas privatizadoras e com todos os requisitos da economia de mercado.

26. O PS tenta desta forma desviar do seu caminho a forma política que lhe impede de chegar à maioria absoluta, e acena com eleições antecipadas num claro golpe eleitoralista.

27. Neste quadro, o PSD não representa uma forma de oposição de peso. O desnorte afecta por igual os dois

---

partidos do centro. O PSD tem medo de ficar na fotografia como o responsável da ingovernabilidade do país e, como Cavaco, o está mais preocupado com o endividamento externo do que com os 700 mil desempregados a quem os apoios sociais não chegam. E esta será, como foi nas últimas eleições, a grande disputa entre os dois partidos: a disputa pelo crédito e pelo acesso à banca entre o sector exportador e distribuidor e o sector da construção. Motivada pela escassez de liquidez na economia, a burguesia nacional divide-se entre os dois partidos do centro, e é ela a dona do regime.

28.º Quanto a Cavaco, é natural que com a perspectiva de ser reeleito aproveite esta instabilidade e o discurso da ingovernabilidade para encontrar apoio fora da sua base de direita, apresentando-se como garante da estabilidade do regime.

29.º Consequência de todos estes factores, a acrescentar aos eócasos médios, surge na população portuguesa uma percepção difusa de que a mortal crise de governabilidade está relacionada com uma crise das elites governantes facilmente confundida com uma crise de regime. Este sentimento é pasto fácil para o discurso populista de direita e é terra fértil também para o crescimento de tendências mais autoritárias e favoráveis ao centralismo, como o Presidencialismo.

30.º A crise social atingiu níveis dramáticos, 700 mil desempregados, 2 milhões de pobres, a pobreza infantil atinge 23% das crianças, 140 mil trabalhadores que mesmo trabalhando são pobres pois têm um salário inferior a 310 euros, quase 2 milhões de pensionistas têm 384,72 euros/mês de pensão. As pensões reais continuam a diminuir e agora o governo PS assumiu o congelamento do Indexante de Apoios Sociais que abrange diversos subsídios (doença, social de desemprego, Complemento solidário para Idosos, rendimento mínimo), o que destaca a marca desta governação e espelha bem a verdadeira dimensão da crise do regime.

31.º Apesar desta queda generalizada das condições de vida dos portugueses, e do claro ataque aos apoios sociais em tempos difíceis, a movimentação social apresenta-se hoje difícil e fragilizada. A chantagem chega também aos desempregados e aos precários, através de um discurso que culpa os desprotegidos pela sua própria condição.

32.º O Bloco de Esquerda tem nesta legislatura uma responsabilidade acrescida: aquela que lhe é conferida por mais de meio milhão de portugueses que votaram no seu programa. Aceder a convites do PS sobre políticas que vão contra esse programa seria ceder às ameaças dos verdadeiros donos do regime e entrar no jogo do PS. Desse sentido de responsabilidade resultou o voto do Bloco na discussão do Orçamento Rectificativo.

33.º O compromisso do Bloco de Esquerda neste período de grave crise social terá de ser com as medidas sociais sufragadas no seu programa e com os desempregados do país. O défice da economia portuguesa e as medidas restritivas que se esperam da União Europeia levam a crer que a situação social tenderá a agravar-se ainda mais. Perante este cenário, depressa o PS recuperar a sua agenda privatizadora dos serviços públicos e continuar a de mão estendida à burguesia nacional. Cabe à esquerda assumir uma posição irreductível na defesa dos trabalhadores e da classe explorada. Na luta contra os códigos de trabalho e por serviços públicos de qualidade, rejeitando as parcerias público-privadas, a radicalização à esquerda e a reivindicação firme de maior justiça na economia deverá continuar a ser os lemas.

34.º No quadro deste compromisso, e ficis é nossa estratégia de acrescentar cada vez mais forças ao combate neoliberalismo, que abordaremos as próximas eleições presidenciais. Aumentar as contradições no centro, libertando mais forças contra as políticas liberais, é o nosso caminho.

35.º A nível Europeu o Bloco terá ainda outro desafio a enfrentar. A grave crise económica e social que atravessa a U.E. demonstra a sua fragilidade política e estrutural, que nem a aprovação do Tratado de Lisboa ultrapassou. O centro da tática deve continuar a ser a «defesa dos serviços públicos e contra a Nato», cuidando ao mesmo tempo

---

das reivindicações e da luta democrática. O desemprego e a precariedade devem ser temas de agregação social e confrontação política a nível europeu. Tal como a UDP escrevia nas teses da 9ª conferência, nenhum projecto socialista poderia ganhar força social sem que haja uma viragem à esquerda na Europa. A construção de uma esquerda europeia que alie todos os sectores socialistas e anti-capitalistas na defesa de uma Europa mais justa e mais democrática está ainda por se fazer. Só ela poderia surgir na primeira linha da luta por uma Europa Social, e o Bloco de Esquerda deveria assumir essa tarefa como sua prioridade.

Documento aprovado em Reunião da Direção Nacional da UDP, em 14 de Janeiro de 2010

[1] «A Crise Global e as Saídas à Esquerda» UDP « 03.10.2008